

Caros Leitores e Utilizadores da Biblioteca da FLUP,

Gostaríamos mesmo muito de falar com cada um pessoalmente e de poder dizer-lhes, com toda a franqueza, quanto nos sentimos honrados com o facto de sistematicamente vermos a Biblioteca cheia.

Cheia de pessoas que nela gostam de estar. Cheia de Vida.

Para uma equipa que trabalha todos os dias, mês após mês, ano após ano, é profundamente gratificante ter a noção de que se dedica a algo deveras importante para a comunidade académica em geral.

A Biblioteca é, numa Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, o que o Laboratório é numa Faculdade de Ciências e Tecnologias.

Ora, em qualquer laboratório há que tomar precauções, ter cuidado com tudo o que se utiliza, respeitar as leis da física e da química e trabalhar num ambiente de sossego. O bom senso assim o determina.

A partir da analogia que tecemos, o que é imprescindível num laboratório de ciências, também o é numa biblioteca de humanidades. Centremo-nos, então, nesta Biblioteca.

Será pedir muito aos nossos Leitores e Utilizadores que, em primeiro lugar, se respeitem uns aos outros? Que tenham cuidado com o que existe à sua disposição? Que estejam atentos ao que sistematicamente lhes é pedido: cuidado com os livros, com os equipamentos, com as mesas, cadeiras e outros móveis? Será um exagero sem sentido esperar que contribuam para que exista um ambiente de sossego na Biblioteca da FLUP?

Não nos parece! Pelo contrário! Estamos convictos de que cultivamos, na nossa Biblioteca, uma tolerância saudável – a todos é permitido entrar com os seus haveres, com a sua garrafa-termos de café, com a sua sandwich, com o seu telemóvel...

Porém, a tolerância só faz sentido se for entendida num contexto de respeito, e este depende de todos e de cada um de nós.

As regras do mais elementar civismo implicam que embalagens vazias, guardanapos já utilizados, restos do que se esteve a beber e a comer, papéis amachucados, por exemplo, não sejam nunca deixados em cima das mesas das salas de leitura. As cadeiras e os sofás não podem ser retirados do seu devido lugar e quem neles se senta deve fazê-lo com cuidado. Quem procura o sossego da Biblioteca tem direito a ele. Falar alto e incomodar quem quer estar concentrado não é aceitável.

Dentro da Biblioteca está o mundo inteiro. Está o passado, está o presente, por mais volátil que seja, e está o futuro. Em nome dos dias, meses e anos futuros, pedimos-lhes, caros Leitores e Utilizadores, que parem um minuto, depois de terem lido esta carta, para pensar no que querem, realmente, construir uns com os outros, uns e outros.

Não é, com certeza, um mundo em que cada qual está como muito bem entende. Em que, independentemente da vontade dos outros e das regras da boa convivência, faz o que muito bem lhe apetece.

Não, de todo!

v.s.f.f.

Temos a certeza de que o que todos querem, de que o que todos queremos, é viver num mundo em que o respeito seja a tónica. É a única forma de assumir com dignidade a nossa condição de seres humanos.

Como seres humanos, somos chamados a fazer as nossas escolhas. Poder escolher implica uma enorme responsabilidade. Exercê-la para o bem de todos é um privilégio.

Uma vez que estamos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, lembrar Ortega y Gasset faz todo o sentido:

*“Uma pedra não pode deixar de gravitar, mas o homem pode muito bem não fazer aquilo que tem para fazer. Não é isto curioso? [...] A necessidade é um convite. Haverá coisa mais elegante? O homem é convidado a prestar a sua anuência ao necessário. [...] A pedra diria – que sorte a daquele: eu não tenho outro remédio senão cumprir inexoravelmente a minha lei: tenho que cair, cair sempre; o que o homem tem que fazer, ou tem que ser, não lhe é imposto, mas proposto. A pedra, todavia, não deixa de ser ignorante. [...] É que esse privilégio do homem é tremendo, pois em todos os instantes da sua vida, o homem, perante várias possibilidades de fazer e de ser, exerce a responsabilidade exclusiva de escolher.”*

(Adaptado de “Misión del Bibliotecario”. Conferência proferida aquando da abertura do Congresso Internacional de Bibliotecários, em Madrid, a 20 de Maio de 1935)

Acreditamos que a indiferença é o princípio do caos. Estamos absolutamente convictos de que os Leitores e Utilizadores da Biblioteca da FLUP não ficarão indiferentes ao que aqui lhes dizemos.

Porto, 26 de Novembro de 2018

A Equipa da Biblioteca da FLUP